

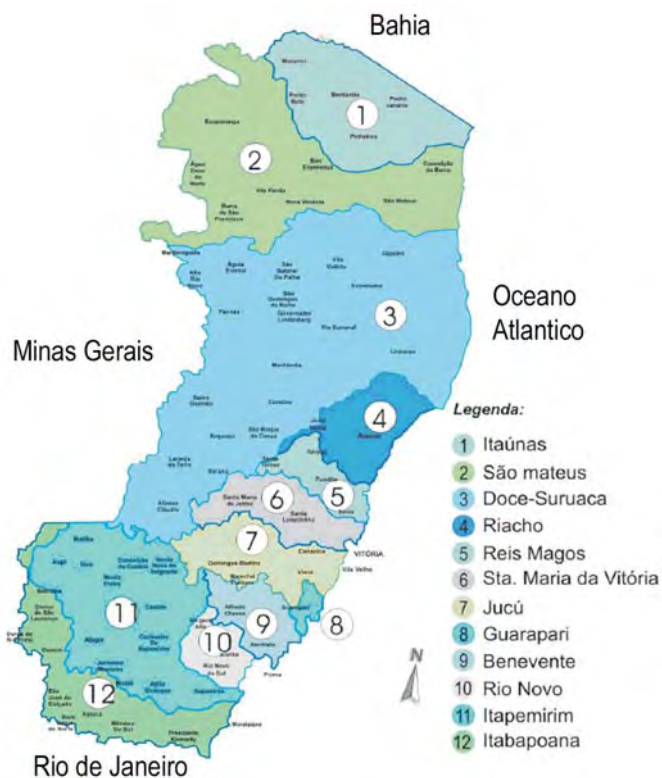
## Rios e peixes do Espírito Santo: Estado atual do conhecimento da ictiofauna de água doce

Luisa Maria Sarmento-Soares & Ronaldo Fernando Martins-Pinheiro

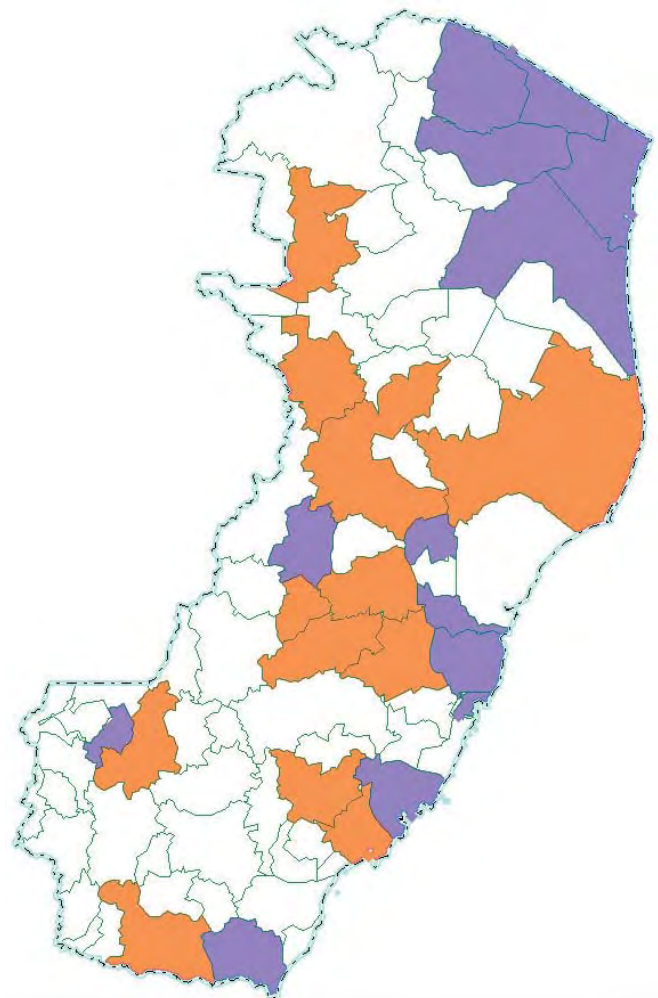
A floresta Atlântica conta com menos de 5% da sua área original inalterada (Menezes *et al.*, 2007). A acelerada fragmentação da Mata Atlântica e destruição de ambientes de água doce têm sido mais rápidas do que a exploração e conhecimento da fauna associada de peixes. Neste aspecto, a ictiofauna capixaba representa um dos componentes menos conhecidos na Mata Atlântica do sudeste do Brasil. Apesar da carência de estudos, as iniciativas conduzidas para um melhor conhecimento dos peixes de riacho capixabas têm revelado a existência de uma rica e diversificada fauna, associada, de forma íntima, à floresta que lhe proporciona proteção e alimento.

Os rios do Espírito Santo estão distribuídos em duas Regiões Hidrográficas. A Região Hidrográfica do Atlântico Sudeste, que abrange as bacias do centro-sul do Espírito Santo, constituída pelas bacias hidrográficas de rios que deságuam no Atlântico: Doce (Doce-Suruaca), Riacho, Reis Magos, Santa Maria de Vitória, Jucu, Guarapari, Benevente, Novo, Itapemirim e Itabapoana. Ao norte do estado, as bacias fluviais estão inclusas na Região Hidrográfica do Atlântico Leste: Itaúnas e São Mateus (Fig. 1).

O Museu de Biologia Professor Mello Leitão (MBML) abriga a maior coleção de peixes de água doce do Espírito Santo, com 95 espécies, em 21 famílias. A distribuição geográfica desta coleção, no entanto, está longe de ser homogênea. Dos 78 municípios no estado, apenas doze foram razoavelmente amostrados acerca dos peixes de água doce (20 ou mais lotes), treze foram pouco amostrados (entre 1 e 19 lotes) e 53 não foram amostrados, de acordo com o acervo do MBML (Fig. 2).



**Fig. 1.** Bacias hidrográficas do estado do Espírito Santo. (Fonte: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos hídricos do estado do Espírito Santo - SEAMA; Elaboração: Instituto de Apoio a Pesquisa e ao Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo - IPES).



**Fig. 2.** Condições de amostragem para peixes de água doce por município. Baseado no acervo das coleções ictiológicas do MBML. Áreas em branco indicam falta de conhecimento sobre peixes, as áreas em roxo são aquelas pouco amostradas e as laranjas melhores amostradas.

As Grandes lacunas de informações, como ilustrado na Fig. 2, dificultam um entendimento da diversidade de peixes no estado, e impossibilitam ações visando maior e melhor conservação destes organismos aquáticos. Além da coleção do MBML outras coleções ictiológicas têm representatividade dos peixes de água doce do

Espírito Santo, a maioria delas contém dados disponíveis na Internet (Centro de Referência em Informação Ambiental - CRIA, <http://www.cria.org.br>, e *The Inter-institutional Database of Fish Biodiversity in the Neotropics - NEODAT*, <http://www.neodat.org>).

As comunidades de peixes de água doce no Espírito Santo são bastante diversificadas, com grande riqueza de ambientes. Riachos torrenciais, com forte correnteza, grande declividade e fundo pedregoso, são freqüentes na região serrana do centro e sul do Espírito Santo. Ali habitam diversas espécies de cascudos loricarídeos e também os crenuquídeos, como o endêmico *Characidium timbuiense*, capaz de resistir às corredeiras. Estes ambientes são suscetíveis à poluição, especialmente pelo aporte de defensivos agrícolas que escoam para as águas, em resultado do sistema de irrigação agrícola. Além dos ambientes de riacho, o estado possui uma região lacustre muito significativa: os Lagos do rio Doce, isolados durante o período Quaternário (Menezes, 1988). A ictiofauna lacustre abriga espécies vulneráveis, como *Potamarius grandoculis*, exclusiva de ambientes de água doce e encontrada na Lagoa Juparanã (Marceniuk & Menezes, 2003; Marceniuk, 2005). Estes ambientes lênticos vêm sofrendo um outro tipo de ameaça: a introdução de espécies exóticas.

Regiões de relevo suave ou plano, denominadas de tabuleiros costeiros (uma variação da floresta ombrófila densa), ocorrem no norte do Espírito Santo e sul da Bahia. Ambientes temporários, comuns em tabuleiros, são mais difíceis para caracterização da ictiofauna, por causa de sua grande heterogeneidade fisionômica. Os peixes popularmente conhecidos como “peixes anuais”, como *Sympsonichthys myersi* e *S. izecksohni* possuem um ciclo de vida muito diferenciado do restante da ictiofauna, e estão muito associados a este tipo de ambiente. Em virtude das particularidades de seu ciclo sazonal de vida, tais espécies sofrem ameaça de extinção pela perda de habitat (Vieira & Gasparini, 2007). A ictiofauna de grandes rios tem características próprias. Ali habitam espécies de grande porte, em sua maioria importantes para a pesca artesanal. Algumas famílias de peixes de água doce limitam-se aos grandes rios, como os Prochilodontidae, representados no Espírito Santo por *Prochilodus vimboides*, reconhecida como uma espécie vulnerável (Castro & Vari, 2007) e ainda o Pimelodidae *Steindachneridion doceanum*, endêmica da bacia do rio Doce e encontrada em ambientes lóticos sobre fundo rochoso. A permanência de espécies de peixes que necessitam de grandes corpos d'água para completarem seu ciclo de vida encontra-se fragilizada. A diminuição dos estoques pesqueiros nos grandes rios é atribuída a diversas causas e, primariamente à degradação ambiental por barragens, poluição da água, assoreamento e retirada da cobertura vegetal (Vieira & Gasparini, 2007).

À vista das crescentes e sucessivas alterações no ambiente dos peixes de água doce, é perfeitamente possível que ao longo dos pouco mais de 500 anos de descobrimento e colonização muitas espécies de peixes nativas da floresta atlântica tenham se tornadas extintas. Sem que nós nem ao menos tomássemos conhecimento de sua existência.

São muitos os ambientes e muitos os impactos à sobrevivência da ictiofauna nativa. Para se evitar um quadro generalizado de perda de espécies, se faz necessário um maior e melhor conhecimento regional da ictiofauna de água doce, e da situação das bacias hidrográficas no estado. O Projeto BiodiversES, pretende assegurar uma representatividade mais homogênea das diversas biotas que compõem o Espírito Santo nas coleções ictiológicas. Tanto por meio de coletas e identificações de peixes de áreas hoje pouco ou mal amostradas, como por um melhor georeferenciamento das localidades, aproveitando-se as informações dos lotes disponíveis.

#### Literatura citada

- Castro, R.M.C. & R.P. Vari 2007. Família Prochilodontidae. Pp. 23. *In*: Buckup, P.A., N.A. Menezes & M.S. Ghazzi (Eds.). Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil. Série livros 23, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 195 p.
- Marceniuk, A.P. 2005. Chave para identificação das espécies de bagres marinhos (Siluriformes, Ariidae) da costa brasileira. Boletim do Instituto de Pesca de São Paulo 31(2): 89-101.
- Marceniuk, A.P. & N.A. Menezes. 2003. Família Ariidae. Pp. 41-43. *In*: Menezes, N.A., P.A. Buckup, J.L. Figueiredo & R.L. de Moura (Eds.). Catálogo das espécies de peixes marinhos do Brasil. Universidade de São Paulo, 159 p.
- Menezes, N.A. 1988. Implications of the distribution patterns of the species of *Oligosarcus* (Teleostei, Characidae) from central and southern South America. Pp. 295-304. *In*: Heyer, W.R. & P.E. Vanzolini (Eds.). Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 488 p.
- Menezes, N.A., S.H. Weitzman, O.T. Oyakawa, F.C.T. Lima, R.M.C. Castro & M.J. Weitzman. 2007. Peixes de água doce da Mata Atlântica. Lista preliminar das espécies e comentários sobre conservação de peixes de água doce neotropicais. Museu de Zoologia-Universidade de São Paulo, São Paulo, 408 p.
- Vieira, F. & J. L. Gasparini. 2007. Os Peixes Ameaçados de Extinção no Estado do Espírito Santo. Pp. 87-104. *In*: Passamani, M. & S.L. Mendes (Eds.). Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado do Espírito Santo. Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica, Vitória, 140 p.

(LMSS) [luisa@nossacasa.net](mailto:luisa@nossacasa.net)  
(RFMP)

Laboratório de Zoologia, Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, Santa Teresa, ES. ■